

N: 03

Lux Frágil

Mensal Gratuito
Dezembro 2008blog.luxfragil.comLUX^{FRÁGIL}

a nossa vida é toda para diante.

Factura

Por corrigir os Dez Mandamentos, embelezar o Sumo Sacerdote e mudar-lhe as fitas	170 réis
Um galo novo para S. Pedro e pintar-lhe a crista	80 réis
Dourar e pôr penas novas na asa do Anjo da Guarda.....	120 réis
Lavar o criado do Sumo Sacerdote e pintar-lhe as suíças	160 réis
Tirar as nódoas ao filho de Tobias.....	95 réis
Uns brincos novos para a filha de Abraão.....	245 réis
Avivar as chamas ao Inferno, pôr um rabo novo ao Diabo e fazer vários consertos aos condenados	185 réis
Fazer um menino ao colo da Senhora	210 réis
Renovar o Céu, arranjar as estrelas e lavar a Lua	130 réis
Retocar o Purgatório e pôr-lhe almas novas.....	355 réis
Compor o fato e a cabeleira de Herodes	35 réis
Meter uma pedra na funda de David, engrossar a cabeleira de Tobias e alargar as pernas de Saul	95 réis
Adornar a Arca de Noé, compor a burrica do filho pródigo e limpar a orelha esquerda de S. Tinoco	153 réis
Pregar uma estrela que caiu ao pé do coro.....	23 réis
Um par de botas novas para S. Miguel e limpar-lhe a espada.....	255 réis
Limpar as unhas e pôr os cornos ao Diabo.....	185 réis
.....	
.....	
.....	
Total =	2.496 réis

Nota: factura de um santeiro, apresentada em 1853, por trabalhos de reparação efectuados nas capelas do Bom Jesus de Braga, hoje arquivada na Confraria do Bom Jesus do Monte, naquela cidade.

Pornogal Hugo Gonçalves – pág 02 –	Obamania João Tordo – pág 03 –	Disco é cultura José António Moura – pág 03 –	“Podes tratar-me por Del...” Tiago Manaia – pág 04 –
Quimpostor Quim Albergaria – pág 05 –	Club Tropicana, os primeiros anos Susana Pomba – pág 06 –	A Norte de Berlim PeterMan – pág 07 –	Padam Padam José Maria Vieira Mendes – pág 08 –
A conversar é que a gente se entende Nelson Guerreiro – pág 08 –	O Outro Maria Antónia Oliveira & António Nêu – pág 10 –	Oráculo 12/08 Anamar – pág. 11 –	Natal em família Joaquim António Rocha – pág 12 –

Pornogal

Hugo Gonçalves

Filmes para adultos, actrizes despidas e liberdade de expressão. Portugal precisa de uma estrela porno.

Não sei se eram as primeiras pulsões do cromossoma XY (i.e, erecções infantis) ou se era a influência da figura paterna – um homem com bigode de iraquiano e uma vidoteca porno arrumada atrás das garrafas de whisky –, mas Paulo, o meu amigo das férias grandes, estendia o conceito de *reguila* muito além dos balões de água lançados sobre tipos carecas em fato de treino. Paulo, com cabelo de pagem e menos um dente incisivo, tinha oito anos, a curiosidade pornográfica de Larry Flint, e um glossário tão rico em expressões sexuais

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Não se enganem – em Portugal fode–se, e há muita gente experimentalista, mas o sexo continua a ser, em muitas situações, como dizer “Pilha” entre um grupo de crianças de cinco anos; sexo continua a ser uma conversa no pronto–a–comer debaixo do escritório: “Meteu mamas novas? É mesmo vaca”.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

que poderia ter gravado um duplo álbum de hip hop logo em 1984. Por questões do acaso, ou por vontade do pai, Paulo e a família passavam férias junto de uma praia de nudistas. No entanto, frequentavam a praia das pessoas com roupa. Eles eram uma dessas famílias decentes e trabalhadoras, que começavam a experimentar as regalias da nova classe média – tinham um carro, férias na areia, e um enorme barco insufável que Paulo destruiu rapidamente. Paulo foi depois punido, também rapidamente, pelas mãos peludas do seu progenitor. Duas vezes.

Os meus avós maternos, com quem passei essas férias, gostavam de me apresentar aos amigos como o Terror da Escola Primária, tinham orgulho nas minhas façanhas de criança hiperactiva. Mas eu sabia que, ao lado de Paulo, não me cabia outro papel que ser Sancho Pança. Paulo prevaricava com impunidade e destreza, como se o seu sangue intocável fosse da casta Corleone.

O pai de Paulo tinha binóculos para, a meio da tarde, se deitar no topo da falésia em posição de atirador especial. Lá em baixo, na praia de nudistas, via estrangeiras com mamilos rosados e pêlos púbicos da colecção *pré-bikini waxing*. Paulo imitava o pai, embora sem binóculos, e levou-me nessas missões de espionagem mais que uma vez. Dias mais tarde, a meio das férias, enfrentei a maior revelação de todas:

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Paulo avisou-me, durante o almoço, na mesa das crianças, “Vou-te mostrar uma coisa, mas não podes dizer a ninguém”. Paulo apresentava-se como o anticristo prestes a comprar-me a alma. Meia hora depois, enquanto as nossas famílias foram ao café, Paulo agarrou numa cassete, meteu-a no vídeo e estacionou-se ao lado do ecrã: “Olha para isto”.

O comediante Chris Rock diz que os homens não podem regredir sexualmente, ou seja, que depois de experimentar certas práticas já não conseguem regressar aos prazeres simples. Se isso é verdade, aqueles cinco minutos de fornicação em formato *beta* e língua alemã, na televisão de casa do Paulo, vaporizaram a minha inocência e empurraram-me para um caminho sem retorno.

Muitos anos depois, em 2001, o tra-

balhar”, como se fosse um motorista da Carris a recusar um bagaço antes de pegar ao serviço. Hoje, sei o que me interessou em McKayla Matthews e na pornografia, mas também sei o que me impediu de apalpar a mama esquerda da protagonista de “Blondes Have More Anal Fun”: ela tinha a profissão que queria, gostava do seu estilo de vida, e não tinha complexos em dizê-lo diante de um desconhecido; eu, por outro lado, achava que tocar numa mama era suficiente para corromper toda a minha credibilidade; McKayla Matthews, pornstar, semi-nua, sentia-se mais segura e mais livre na sua pele, do que eu alguma vez me sentira na minha pele. Sobre esta conclusão, os meus amigos disseram apenas: “Foste menino”.

Não levei a cabo uma pesquisa definitiva, mas posso dizer que Portugal deve ser a única democracia ocidental sem uma estrela porno. Quando tentei escrever um artigo sobre a pequena loja de artesanato que é a produção de filmes para adultos no nosso país, esperei toda a tarde, junto de um realizador em princípio de carreira,

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Se não se enganem – em Portugal fode–se, e há muita gente experimentalista, mas o sexo continua a ser, em muitas situações, como dizer “Pilha” entre um grupo de crianças de cinco anos; sexo continua a ser uma conversa no pronto–a–comer debaixo do escritório: “Meteu mamas novas? É mesmo vaca”.

para que alguém aparecesse na audição. Quando já anoitecia, entrou uma senhora de 40 anos e rugas de quem lavou escadas durante 50, sacudindo o chapéu-de-chuva e limpando o vapor dos óculos. O realizador fez-lhe um par de perguntas e mandou-a para casa. Mais do que uma carreira no mundo do porno ou a concretização de uma fantasia *kinky*, aquela mulher precisava de dinheiro para o passe social.

Os filmes portugueses (tentei ver três) estão para a nossa vida sexual como as telenovelas portuguesas estão para a vida real: *not even close*. Com uma diferença: as telenovelas caramelizam a realidade e enchem os cenários com mobiliário Mo-viñlor, enquanto que os filmes porno portugueses pioram a realidade (muito mais mesmo) e usam a mobília do apartamento do realizador.

Se houvesse uma indústria, talvez os filmes porno portugueses tratassem de temas como: Benedita, cansada das sessões de golfe de Diogo Maria, põe-se de joelhos diante da braguiilha do professor de Tai Chi; Kátia da caixa do Carrefour coloca molas de roupa nos mamilos do Fábio que pratica *full contact* numa cave em Mem Martins; havia uma dezena de televisores ligados, nos quais a própria Miss Matthews aparecia a *gangbanguear* três culturistas). No final da conversa, ela baixou o top branco e perguntou: “Queres apalpar?” Eu, educadamente gago, disse: “Não, estou a

Portugal, amestrado pelo ditador e

merceeiro Oliveira Salazar, nunca foi de rebeldias. Mesmo a revolução de 74 começou porque os militares queriam um aumento de salários. Não me recordo de grandes insurgências nacionais por atentados ao pudor ou de julgamentos por obscenidade, casos como o filme “Deep Throat”, nos Estados Unidos dos anos 70. Os portugueses, quando se trata de sexo, nunca sentiram necessidade de pisar a linha. Não se enganem – em Portugal fode-se, e há muita gente experimentalista, mas o sexo continua a ser, em muitas situações, como dizer “Pilha” entre um grupo de crianças de cinco anos; sexo continua a ser uma conversa no pronto-a-comer debaixo do escritório: “Meteu mamas novas? É mesmo vaca”.

Não percebo: se as revistas masculinas, mas posso dizer que Portugal deve ser a única democracia ocidental sem uma estrela porno. Quando tentei escrever um artigo sobre a pequena loja de artesanato que é a produção de filmes para adultos no nosso país, esperei toda a tarde, junto de um realizador em princípio de carreira,

Com dinheiro e reconhecimento é mais fácil ser-se estrela porno, como Anastasia Mayo, com quem falei há uma semana, e cujos fãs espanhóis costumam esperar em fila por um autógrafo. *Señorita* Mayo aparece em programas de televisão, é abordada na rua como se fosse atriz de novela, tem orgulho no seu desempenho e mostrou-se mais articulada que alguns professores da minha antiga faculdade. O seu trabalho tem um valor lúdico e um valor comercial. Anastasia não se sente criminosa ou estigmatizada. Disse-me: “Sinto-me poderosa”.

Nunca mais encontrei Paulo após aquelas férias. Mas reconheço a importância da sua curiosidade, o valor que tinha quando assaltava a vidoteca clandestina do pai, desafiando assim um par de mãos hirsutas e esbofeteadoras. O que Paulo fazia, quase por instinto, era questionar as regras, procurar conhecimento, buscar uma resposta para o desassossego e, ao mesmo tempo, sentir-se cómodo na sua pele. Precisamos de uma estrela porno pela mesma razão.

Se a liberdade de expressão fosse um elástico, a pornografia era esse ponto em que o elástico não estica mais e corre o risco de se romper. Quando tivermos a nossa primeira estrela porno, damos um passo em frente, esticamos um pouco mais o elástico. Prometo que estarei na fila para a sessão de autógrafos.



Loto (DJ set)

Quinta 04

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Obamania

João Tordo

Dificilmente Barack Obama será um impostor. Isto é: a aparência sedutora de Barack Obama, um homem ligeiramente afro-americano educado à maneira de um branco, é a maior prova da sua honestidade política e da vontade de mudança que tantas vezes expressou durante a campanha. A prova disso está nas mulheres. Uma amiga confessou-me, durante a noite em que Obama previsivelmente esmagou a concorrência e mergulhou de cabeça nos livros de História, que o Barack era “giro que se farta”. Sexy; carismático; cheio de charme. A Obamania começou muito antes das eleições mas ir-se-á prolongar, suspeito, pelos quatro ou mais anos que aquele homem permanecer na Casa Branca. Tem o mesmo género de apelo de Quique Flores ou de George Clooney: uma mulher olha-o e imediatamente confia nele, sabe que Obama será sempre o homem que a leva a casa se ela beber demasiados martinis, e nunca aquele que a tenta estuprar no parque de estacionamento.

George W. Bush tentaria estuprá-la no parque de estacionamento. Caso fosse impossível, mandaria a rapariga para Guan-tánamo, lugar onde vivem as pessoas que dizem que “não” a Bush.

Isto para dizer o seguinte: Obama não

Fred Falke

Quinta 04

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Disco é cultura

José António Moura

JIMMY YOUNG
“Times Are Tight”
12” (Nitelife/Emergency) - 1983

Foi em Dezembro de 2007. Talvez nem toda a gente saiba o que é procurar o disco que vai elevar a nossa vida a outro patamar, um objecto até então desconhecido que se liga simultaneamente a nós e ao tempo em que foi criado. Não existe apenas um nem, de certeza, existe um que seja definitivo, mas é tão evidente quando se revela que consegue, por um período de tempo, eclipsar toda a outra música de que se gosta, acrescentar pontos valiosos ao nosso livro pop e, em casos como “Times Are Tight”, contribuir para perpetuar o movimento da bola de espelhos universal. Como bónus, este som parece poder durar para sempre.

As melhores sessões de procura são aquelas em que não se conhece o objectivo, não se sabe que disco se quer, sabe-se que algures no terreno está pelo menos um disco que tem de ser nosso. Não interprete isto como questão de colecionador, é antes um desejo de vidas extra. Como nos jogos em que o bom desempenho é recompensado com vidas extra. Isso permite continuar no jogo por mais tempo, superar resultados anteriores e aprender mais.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Nunca menosprezar a importância

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

mento, demonstra paradoxalmente mais preocupação e contenção do que quando Jimmy Young canta com açúcar e energia, logo antes do refrão, *You see, people aren't able to keep bread on their table*, como se a natural vontade em ter esperança fosse impedida pelos factos.

A letra da canção começou a formar-se em casa e no emprego, dois anos antes, em 1981, durante os cerca de trinta dias em que lavou pratos na cozinha da IBM. Young vivia com o salário mínimo, conhecia pessoas com dois ou três empregos para pagar as contas, a Economia tinha um papel tão importante como hoje no pensamento da pessoa comum. Os choques petrolíferos de 73 e 79 aguçaram dramaticamente o gráfico da inflação que, em 1980, atingia um cume de 13,5% (habitualmente abaixo de 2%, antes da guerra no Vietname). Só em 82 recuou para menos de 10%, número mesmo assim bárbaro.

Jimmy Young trabalhava em acabamentos para soalhos de madeira, emprego ao qual regressou depois do mês na IBM. As ideias para “Times Are Tight” estavam escritas, o estúdio para a gravação foi encontrado pouco depois em Queens, Nova Iorque. Nas sessões participaram Eric Seale (baixo), Gordon Jones (bateria), Ron Pacaud (guitarra), Jimmy Young (teclas e voz principal), Elaine Lockley e companhia (coros).

Antes da nota final de esperança, a canção quebra para baixo e bateria e é reconstruída pouco a pouco. Nessa parte ouvem-se relatos pessoais gravados por

nos corredores, uma bola de espelhos na sala oval. As melhores festas em Washington serão dadas por Obama e companhia ao som de Motown, autênticos *revivals* dos anos 70 – olho para Barack e vejo-o a dançar *disco* no Studio 54, roupa espartilhada, laca na carapinha, saltos compensados, *Yes We Can, Yes We Can* -, festas essas onde não faltarão congressistas, senadores mais do que as suas palavras, determinou o fracasso prematuro da sua candidatura. As mulheres olharam para McCain e viram um geriátrico que não era capaz de levantar os braços para lhes tirar o soutien; os idosos tiveram vontade de o ajudar a atravessar a rua; a comunidade *gay*, no fundo, até *desconfiou* *que...*; e os sem-abrigo perguntaram-se porque carga de água tinha aquele homem doze casas (true story!) e eles, nenhuma.

George W. Bush não será convidado

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Olho para Barack e vejo–o a dançar disco no Studio 54

para estas festas.

Ou seja: o que parece, é. Provavelmente será mais fácil para um homem disfarçar a sua ignominia debaixo de uma máscara de moderada perversidade, do que esconder o verdadeiro altruísmo seja debaixo de que máscara for. Quando olhamos para o brilho dos olhos de Obama vemos a mesma coisa do que quando vemos antigas filmagens de Martin Luther King e de Muhammad Ali: *há ali qualquer coisa* de completamente honesto, quase ao ponto da candura; este homem, ainda que seja impossível, mesmo que constitua uma utopia, fará tudo o que estiver ao seu alcance para nos demonstrar o contrário.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

mento, demonstra paradoxalmente mais preocupação e contenção do que quando Jimmy Young canta com açúcar e energia, logo antes do refrão, *You see, people aren't able to keep bread on their table*, como se a natural vontade em ter esperança fosse impedida pelos factos.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

A letra da canção começou a formar-se em casa e no emprego, dois anos antes, em 1981, durante os cerca de trinta dias em que lavou pratos na cozinha da IBM. Young vivia com o salário mínimo, conhecia pessoas com dois ou três empregos para pagar as contas, a Economia tinha um papel tão importante como hoje no pensamento da pessoa comum. Os choques petrolíferos de 73 e 79 aguçaram dramaticamente o gráfico da inflação que, em 1980, atingia um cume de 13,5% (habitualmente abaixo de 2%, antes da guerra no Vietname). Só em 82 recuou para menos de 10%, número mesmo assim bárbaro.

Jimmy Young trabalhava em acabamentos para soalhos de madeira, emprego ao qual regressou depois do mês na IBM. As ideias para “Times Are Tight” estavam escritas, o estúdio para a gravação foi encontrado pouco depois em Queens, Nova Iorque. Nas sessões participaram Eric Seale (baixo), Gordon Jones (bateria), Ron Pacaud (guitarra), Jimmy Young (teclas e voz principal), Elaine Lockley e companhia (coros).

Antes da nota final de esperança, a canção quebra para baixo e bateria e é reconstruída pouco a pouco. Nessa parte ouvem-se relatos pessoais gravados por

É o sentimento oposto que encontramos no olhar de Bush, de O.J. Simpson, de Sarah Palin.

Aliás, minto: Sarah Palin é completamente honesta. Ela acredita de facto que os dinossauros andaram pela Terra há quatro mil anos e conviveram animadamente com os humanos.

A conclusão de tudo isto é que as virtudes e os pecados são características físicas. A expressão enrugada de George W., o nariz de gavião, os tiques de peru sempre

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

que se coloca perante um microfone, a rizada própria de uma hiena, são a prova ineludável da sua malícia. Aquele homem não podia ser coisa boa, era o que devíamos ter suspeitado desde o início; e as suas palavras, truncadas, por vezes incompreensíveis, são coisas do mafarrico. A divindade tem sempre um discurso claro e inspirador; é o capeta que sussurra atrás das portas.

Assim, e a menos que alguma coisa de extraordinário suceda à aparência impecável de Obama, três coisas irão continuar a acontecer: a crise irá lentamente sumir-se; a América irá florescer como uma criança de colo; e a minha amiga continuará a suspirar por Barack Obama.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

mento, demonstra paradoxalmente mais preocupação e contenção do que quando Jimmy Young canta com açúcar e energia, logo antes do refrão, *You see, people aren't able to keep bread on their table*, como se a natural vontade em ter esperança fosse impedida pelos factos.

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Young, em visita a amigos a quem pediu comentários sobre o estado da Economia. As suas vozes transmitem tempos difíceis e, por isso mesmo, provocam a sensação de que as coisas só poderão melhorar. Depois desta seqüência, quando o refrão regressa, o seu efeito é especialmente luminoso e significativo, o texto ligeiramente alterado para reforçar a crença na mudança (*Times are tight, we're gonna make it!*) quando antes deixava no ar a incerteza (*Times are tight, everybody's trying to make it right*). Com mais de sete minutos de duração, “Times Are Tight” tem uma das melhores linhas de sintetizador do período boogie, uma voz que canta o que sente e um groove com força para desviar zombies do seu caminho monocórdico de destruição como “Thriller”, em 82.

No Record Mirror de 7 de Maio de 1983 a versão instrumental sobe para número 19 na chart disco britânica, mas o maxi nunca recebeu grande exposição nem sequer nos EUA. Mais tarde, Jimmy Young passou a gerir o estúdio em Queens (Bay-side Studios). Há semanas recebi um email seu com este link: kangenation.com.

Flur

Av Infante D. Henrique, Arm. b4, Sta Apolónia
1900-264 lisboa
metro: Sta. Apolónia
telefone: 218821101
loja@flur.pt www.flur.pt

Leonaldo de Almeida

Sexta 05

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

Paulo e o filho, em 2001, no apartamento de casa do pai

“Podes tratar-me por Del..”

Tiago Manaia ao telefone com Del Marquis

DEL MARQUIS, assim se chama o extravagante guitarrista dos Scissor Sisters que, em Dezembro, se estreia na cabine do Lux. São dez da manhã em Nova Iorque, mais cinco em Lisboa, Barack Obama acabou de ser eleito.

Como é que te devo chamar. Derek ou Del Marquis (nome de cena)? Podes tratar-me por Del...

Como estás?

Estou bem, estou a acordar.

Onde estás? Em casa?

Sim, estou nas escadas de minha casa, na rua. Está calor, apesar de estarmos em Novembro.

Acredito que tenhas estado a festejar a vitória do Obama, nos dois últimos dias?

Sim, mais ou menos, é incrível... Foi incrível, as ruas onde vivo em Brooklyn ficaram cheias... Cheias de pessoas a gritar e a festejar... Houve tanta euforia. Mas infelizmente nos dias que seguiram a eleição de Obama, surgiram notícias de que em três estados americanos (Flórida, Arizona, Arkansas) uma lei para proibir a união de pessoas do mesmo sexo tinha passado... Por isso foi uma vitória com sabor amargo. Mas as pessoas estavam distraídas com as eleições, pouco se falou desses “referendos”...

Talvez não tenham tido a atenção necessária, mas para mim é muito importante. Imagino que com um presidente como o Obama este passo seja rapidamente remediado... E tudo isto será risível daqui a uns anos. Como eram os direitos civis dos afro-americanos há não muito tempo.

O que farias tu à Sarah Palin?

Não sei! Se o McCain e a Palin tivessem sido eleitos, sabia exactamente o que nos ia acontecer. famos de “patins para o inferno”... Tínhamos de nos preparar para o apocalipse (risos). Vivemos realmente uma época de mudança, mas podia ter descarriado em qualquer um dos sentidos.

Estarias pronto para deixar a América?

Não. Eu não iria deixar a América, estaria pronto para viver no apocalipse!

Vamos falar do teu projecto... Estás a preparar-te para lançar um projecto a solo, sem os Scissor Sisters...

Sim. Passei uma parte do ano a trabalhar num álbum. Gravei músicas um bocado em toda a parte, na Europa e em Nova Iorque. Foi fantástico! Foi um processo de trabalho tão diferente daquele que tenho com os Scissor Sisters! Tenho imenso orgulho. Vai ser editado um primeiro EP agora em Dezembro... Espero que as pessoas o oiçam. Quantas músicas tens?

Devo ter gravado umas 20. Vou pôr três ou quatro canções para cada EP e lanço vários no próximo ano, juntando-lhes remixes e vídeo.

Porque é que escolhes editar as tuas músicas nesse formato de EP?

Achas que as pessoas já não compram um álbum inteiro? É uma maneira de fazer face à crise da indústria discográfica?

“

Gosto de música e gosto de objectos. Pensei... Deixa-me então tocar nesta coisa fálica, bonita e brilhante... Capaz de fazer muito barulho.

”

Existem várias razões. Não sei se quero admitir essa que acabaste de referir. Parecem-me existir demasiados estilos nas minhas canções. O EP foi a maneira que encontrei para concentrar temáticas, dei um tema diferente a cada um deles. É interessante pensar nestes discos como episódios... É difícil lançar um álbum sozinho e sou eu quem está por trás de tudo... Imagina... Lança-se tudo num só álbum, se não tiver uma boa resposta, acaba ali. Vou poder fazer de cada EP um acontecimento.

Qual é o tema do EP, que vai ser lançado agora?

O primeiro segue a linha da canção “Hothouse”. A letra fala da raiva que senti relativamente à administração de Bush, como os direitos dos homossexuais e lésbicas eram usados como ferramentas de divisão durante o seu mandato.

Neste primeiro disco as músicas são todas muito melódicas.

Começamos por ouvir crianças dizer “liberdade de expressão”...

Sim, é pela liberdade, era importante para mim, são os filhos de um amigo que apaeceram no meu estúdio de gravação... Foi um acaso feliz.

E de onde surge a vontade de assumir um projecto sozinho?

Eu senti essa necessidade. Nos Scissor Sisters sou guitarrista, toco guitarra, não canto. Mas tenho muitas ideias, escrevo muita música. Por isso tinha de acontecer.

Com os Scissor Sisters tentaste alguma vez cantar?

(risos) Oh sim, tentei... Mas eles tiraram-me o microfone... Eu queria cantar... (risos) e eles preferiam ver-me a correr de um lado para o outro em cima do palco, não me queriam perto do microfone! Eu não gosto de me sentir preso a nada... Ainda não sei se gostava de ser o líder de uma banda. Nos Scissor posso esconder-me por detrás da minha guitarra.

As pessoas descrevem-te como o membro mais tímido da banda, mesmo assim, tens uma presença forte em palco... tens consciência disso?

Eu faço parte de uma banda, que tem algumas das personalidades com maior presença em palco NO MUNDO! (risos) Qualquer pessoa ao lado deles fica transparente... é verdade! Mas eu sinto-me feliz com eles. Contas com colaborações em algumas canções... Quem são?

São pessoas que conheci em festivais de música. Quando andas em digressão aca-

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

Percebi há pouco nas tuas palavras que o microfone te assusta...

Eu não canto durante os DJ sets (risos), por isso não há pressão!!! (risos) Em Lisboa vamos dançar e ouvir os discos de que gosto.

Li que odiaste o primeiro concerto que viste dos Scissor Sisters. Ainda antes de fazeres parte da banda...

Bem... Odiar é a expressão dramática para a coisa! Não gostei deles. Julguei-os como provavelmente todas as pessoas julgam aquilo que é novo. Não gostei, talvez por causa do playback. Mas depois mudei de perspectivas, descobri algo de especial na banda. As pessoas envolvidas são especiais, as músicas também. Tudo o que vem da nossa banda tem um mérito, é uma banda realmente interessante. Teria cometido o erro da minha vida se tivesse recusado trabalhar com eles (risos). Jesus!

Em adolescente, eras groupie de guitarristas importantes?

Sim era... Mas não éramos todos? A música excitava-me... Eu era o tipo de adolescente que para além do álbum, procurava edições de colecionador das coisas. Tentava ficar na primeira fila dos concertos para saltar em seguida para o palco, apanhar a set list. Era o que eu fazia. Se tivesse sorte, ficava até mais tarde e tentava conhecer as pessoas que faziam parte da banda. Os músicos significavam tanto para mim!

E agora: tens groupies?

Aqui no perímetro de Nova Iorque talvez tenha uns quantos. Mas são todos muito simpáticos, educados e inteligentes. Tenho sempre um plano na cabeça para fugir se forem muito estranhos. É diferente alguém que olha para ti e tenta queimar um buraco na tua alma, e alguém que vem ter contigo e te diz “obrigado, adorei o teu concerto -gosto da tua música”.

Lembras-te quando começou a tua atracção pelas guitarras?

Foi na altura em que tinha uma obsessão por objectos, foi por isso que comecei a desenhar... Tinha um fetiche por objectos. Lembro-me de pensar que as guitarras eram estupidamente bonitas. Gosto de música e gosto de objectos. Pensei... Deixa-me então tocar nesta coisa fálica, bonita e brilhante... Capaz de fazer muito barulho.

Lembras-te da tua primeira saída?

Em meados dos anos noventa falsificava-se o bilhete de identidade para sair à noite em Nova Iorque. Devia ter 16 ou 17 e fui a um bar quente e suado... Muito gay. Entrei e fiquei estupefacto, estava extremamente cheio, eu não estava preparado para uma experiência assim. Tive de fugir.

Mas já sabias que eras gay?

Sim, tinha feito o meu coming out adolescente, com 15 anos.

Explica-me o teu fascínio por calças de toureiro?

Existe qualquer coisa na estrutura, todas aquelas calças têm uma parte dura quase como um corpete. Faz com que fiques direito, de cabeça erguida. Cria uma silhueta bonita. E não é segredo nenhum, sou fã do Prince. Não só da música, também das suas roupas. Foi buscar elementos às pessoas que admiro.

Acabo com um assunto pessoal... Conta-me o teu primeiro beijo.

Meu Deus! Foi com um rapaz chamado Sérgio, eu tinha 17 anos. Foi em Roma... Mesmo em frente ao Castel Sant’Angelo.

Quimpostor

Quim Albergaria

Vou-vos dizer a verdade: eu minto.

Estou pronto. Estou pronto. Estou pronto. Estou pronto para começar a sentir-me satisfeito. Estava a gozar, não estou nada. Ser um humano a querer ser feliz é como andar de bmx – o fixe são as derrapagens, o vento na cara, os saltos, andar rápido, os pés presos na cremalheira e a surpresa ao fim da curva. Bem-vindos, é um novo dia e o Quim volta a mentir.

Finalmente já tenho o meu gira-discos a funcionar e estou obviamente a compensar os meus discos e a passar mais tempo em casa. É mesmo bom poder passar tempo de qualidade com as minhas colecções quase completas de Fleetwood Mac, Cindy Lauper e Fucked Up. Name dropping à par-

A verdade não parece engatar. O romance tem uma grande parte de treta, teatro e mentira. A Verdade é como a barba: pica. A mentira é fofinha, suave, lúbrica, como um pipi. E a barba pica o pipi.

“

”

“

”

te, um destes fins de tarde ou princípios de noite (o Inverno confunde-me) recebo um telefonema. Era um daqueles telefonemas de levar o comum dos mortais à demência, daqueles que provocam calvicie automática. Era um daqueles telefonemas que as centrais telefónicas todas informatizadas das empresas de telemarketing fazem para sabermem a que horas é que estás em casa. Era um daqueles telefonemas para desligar logo, mas não foi isso que eu fiz.

Do outro lado, um quase silêncio, uma ligeira estática e mais nada, som nenhum. “Quem é? Sim? Quem é? Quem é?!” Podia ter começado as caralhadas e desatado num parkour linguístico por todo o meu léxico de rua, mas não. Tinha tudo para me irritar, mas mantive-me calmo. Senti que estava a ser ouvido, sem condescendências nem falsas intenções. O Universo tinha ligado a querer saber de mim.

Ao princípio larguei uma mentira parva e circunstancial – “Tá tudo bem.” Depois, gradualmente, fui baixando escudos “Quer dizer, podia estar melhor. podia deixar de me maltratar e deixar-me descansar. Podia ser meu amigo e deixar de dizer sim a tudo. Podia deixar de ser a putinha bacana que insiste em arcar com a tarefa ciclópica de querer que toda a gente goste dela. Podia pensar com três meses de antecedência e andar em vez de correr. Podia estar melhor, sim.” O cosmos continuava calado. Aí confesso que me exaltei um bocadinho “És o grande paternalista da merda! Não és condescendente, és omnicondescendente, é o que tu és. É muita fácil ser-se o Universo, distante e contido, misterioso e em expansão. Posso fazer o que eu quiser porque eu sou tudo e tudo vem e vai para mim. Assim também eu.” Nobre e muito bem-educado,

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

não respondeu. “Desculpa. Se calhar fui um bocadinho desagradável. Na verdade,

tenho é que te agradecer por me dares a oportunidade de estar vivo e de te poder ajudar a expandir. És um mistério bacano, tenho de admitir.” Com uma classe infinita, manteve-se em silêncio, o Miss(ter) Univer-

so. “Mas olha, aqui entre nós, e já que a conversa está a correr tão bem, estamos na boa, não estamos? Não queres dar-me umas dicas, só umas luzezinhas? Não te estou a pedir a razão disto tudo, algo me diz que não ia aguentar, até porque não tenho muito tempo e tenho de acabar este texto para o Lux e tu sabes como eles são com deadlines. Também não queria o segredo da felicidade, ficava bem assim, só com um segredo feliz.” De repente do outro lado um som, uma resposta “ Pl. Pl. Pl. Pl. Pl.

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

-te na boca, despir-te, ficar nu, para depois nos cansarmos ao mesmo tempo” e não me atende o telefone, nem responde às mensagens ou aos e-mails. Depois passo por stalker ou totó que não percebe dicas. Ela não é correcta a dizer o não e eu fico a pensar o que fiz mal. A verdade não parece engatar. O romance tem uma grande parte de treta, teatro e mentira. A verdade é como a barba: pica. A mentira é fofinha, suave, lúbrica, como um pipi. E a barba pica o pipi.

O que é um grandessíssimo broche. Mentas para engatar, mas depois tens de começar a dizer a verdade para construíres uma relação de confiança. Ou seja, para lhe baixares as guardas (as cuecas), mentes. Mas para ficares nas guardas (e continuares a baixar-lhe as cuecas) só podes dizer a verdade. Quem conseguir ficar são com este sistema a reger a coisa do apaixonar, merece uma medalha ou um par de estalos.

Mas faz sentido, excluindo o disparate estereotipado escrito a cima, que a razão

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

”

“

Padam Padam

José Maria Vieira Mendes

Aqui, e a cada mês, vai o que ando a escrever para um espectáculo Teatro Praga a estrear no CCB em Setembro de 2009 e que em princípio se chamará Padam Padam. Podem vir agrafados pedaços do que ando a escrever para um musical Teatro Praga a estrear no Teatro Municipal S. Luiz em Junho de 2009 e que em princípio se chamará Demo. E podem também ir mais outras coisas. São esboços, sobras, fragmentos a que se tenta dar um feitio que interesse ao formato deste jornal.

0
André, Cláudia, José, Patrícia e Pedro.

1.
Cláudia Há três dias que não comes.
André O chão trava-me os pés, Vânia, o tempo à minha volta é lento, sempre tudo devagar, a empatar e eu a falar sozinho. Haverá coisa mais triste que falar sozinho?
Cláudia Eu acho que sim, Gustavo. Olha por exemplo as criancinhas.
André Deixa-me acabar. Estou a caminho da genialidade, da anorexia, é o meu caminho, seguro e firme. Mas sou infeliz porque ninguém me acompanha, ninguém ao meu lado, ninguém que responda. Vejo como os corpos à minha frente se mexem e não reconheço os movimentos. E devia calar-me ou ir viver para as montanhas.
Cláudia Ah.
Cláudia De onde vimos? Para onde vamos? Coisas assim. Quando é que começa uma frase? Quando é que acaba? Porquê sempre as metades e os três quartos? O dia e a noite. O silêncio. Percebes? É ambicioso, eu sei, mas temos de tentar.
Cláudia Tentar o quê?
Pedro Enquadrar, caralho.
Cláudia Ah, enquadrar, sim.

que é isto tudo? Onde é que estamos?

Cláudia Enquadrar...

Pedro Não é fácil. Eu sei que não é fácil. Mas temos de tentar.

Cláudia Tentar o quê?

Pedro Enquadrar.

Cláudia Ah.

Pedro De onde vimos? Para onde vamos? Coisas assim. Quando é que começa uma frase? Quando é que acaba? Porquê sempre as metades e os três quartos? O dia e a noite. O silêncio. Percebes? É ambicioso, eu sei, mas temos de tentar.

Cláudia Tentar o quê?

Pedro Enquadrar, caralho.

Cláudia Ah, enquadrar, sim.

-

André Eu gostava tanto de ir para o campo. Para os montes. Estou mesmo a precisar. Um campo oscilante com o vento a dar. Acordar de manhã e pisar a erva gelada. Ir buscar ovos à capoeira. Alimentar a porca, pôr as cabras a pastar e assim. Estou mesmo a precisar. Estou com ligeiros problemas de adaptação.

Cláudia Há três dias que não comes.

André O chão trava-me os pés, Vânia, o tempo à minha volta é lento, sempre tudo devagar, a empatar e eu a falar sozinho. Haverá coisa mais triste que falar sozinho?
Cláudia Eu acho que sim, Gustavo. Olha por exemplo as criancinhas.

André Deixa-me acabar. Estou a caminho da genialidade, da anorexia, é o meu caminho, seguro e firme. Mas sou infeliz porque ninguém me acompanha, ninguém ao meu lado, ninguém que responda. Vejo como os corpos à minha frente se mexem e não reconheço os movimentos. E devia calar-me ou ir viver para as montanhas.

Cláudia Estás com ligeiros problemas de adaptação.

André Isso foi o que eu disse. Já disse. Já foi. Já era. Não me faças voltar atrás. Não quero parar. Tenho de criar. Urgentemente. De compor.

Cláudia Há que dar tempo. Primeiro comes. Vamos jantar. A vida é uma simples questão de respiração. De inspiração e expiração.

André Mas como posso eu expirar se não

encontro o que inspirar?

José (*lendo Ruy Belo*) “Todas as mortes nos matam um pouco. / Todos os anos são anos de morte / Os anos morrem por parces dia a dia / O poeta pode ser fraco pode ser forte / por vezes vai dar uma volta e demora”.

2.

Pedro Estou nas ruas da amargura. Estou nas ruas da amargura. São as minhas ruas. Caminho amargo pelas ruas da amargura. O peso de todas as desgraças abate-se sobre mim. Miséria, desemprego, doença, dores de cabeça, abandono, tristeza, desesperança, só desgraças. Enfio-me no meu buraco, tinta a cair das paredes, e fico à espera que me batam à porta.

Patrícia Toque toque. Tens de nos ajudar, Fausto. O mundo está a acabar e ninguém o pode salvar, excepto tu, só tu.

Pedro O mundo tratou-me mal e eu nada quero com o mundo.

Patrícia Pensa na tua família. Pensa nos teus amigos. Pensa nos animais. Pensa nas pradarias e nas florestas. Vai tudo desaparecer se não nos ajudares.

Pedro (*aparte*) E eu resisto porque estou magoado com o mundo.

Patrícia Não resistas, Fausto. Estás há anos enfiado neste buraco. Zangado, sem esperança, isolado. Todo o mundo depende de ti. O que é que queres mais?

Pedro Quero-te a ti.

Matinée

Domingo 14 / 17h00

na para promover o bem comum.

Antes de prosseguir, alguns preliminares. É sabido que escrever sobre sexo é muito diferente de o fazer. Apesar da escrita ser capaz de dar imenso prazer, sendo uma prática solitária – mas nem por isso diminutiva da qualidade e do nível de satisfação –, é incomparável ao prazer obtido nas infiltrações carnavais possíveis e, às vezes, impossíveis dos corpos, cujo mínimo denominador comum é dois, podendo, conforme a vontade e o desejo contratualizados ou não, ser três ou mais. A propósito, Woody Allen disse que “*o sexo é uma coisa muito bonita entre duas pessoas. Mas entre cinco, é fantástica.*” Cada um(a) com o(a) seu(sua) cada qual. Ou seus quais.

É impossível escrever um texto sobre sexo sem falar do orgasmo, do pénis e da importância ou desimportância do seu tamanho,

tendo em conta a sua funcionalidade, de vaginas – clitóris, pêlos púbicos e lábios incluídos, de ânus e nádegas, de bocas e gargantas, de mãos, braços e pés, de posições, de truques e malandrices ou safadezas, ao som de uma música romântica fácil de adivinhar.

Sem querer despoletar mecanismos excessivos de identificação-projecção, reproduzo porque é fácil imaginar como foi impossível ter ficado imune a esta masterclass de orgasmo, centrada em técnicas discursivas que visam evitar a ejaculação precoce, retardando-a para atingir um orgasmo síncrono. Desse extracto, fica patente a importância de seguir uma discipli-

Patrícia Ainda?

Pedro Queres casar comigo? Eu gostava tanto de casar, Rosinha. Os dois, como antigamente. Eu e tu. Por ti, sim. Por ti abandono o desterro, ponho para trás a amargura, deixo de vez este caminho que me leva ao fundo dos fundos. E sinto que renasço.

Rosinha, quando é que partimos?

Patrícia Tanta pressa, Fausto. O mundo não se fez em dois dias.

Pedro E a chuva não bate assim. Já percebi tudo. Vai-te embora. Adeus!

3.

André Vou para o campo, é isso, vou para as montanhas.

Cláudia Para as montanhas, Gustavo?

André Gosto das montanhas.

Cláudia A paisagem é sempre a mesma nas montanhas.

André Paisagem é paisagem, Vânia. E o resto é paisagem. Há que ir à origem das coisas. Encontrar a expressão do intemporal, sem princípio nem fim. É com isso que eu exulto. E sou um génio.

Cláudia Nunca te cansas?

André Nunca, Vânia, nunca. Tenho pernas para andar.

Cláudia E vais-me deixar aqui.

André Sou um cavaleiro solitário.

Cláudia E solidário?

André Sólido. Um génio em construção. Um criador. Sou o sábio, o marinheiro que sobreviveu ao naufrágio, aquele que ficou

para contar. E estou à frente do meu tempo. Antes do dia se pôr já eu nasci. Antes de beber já engoli. Mas o chão continua a travar-me os pés. E não há maneira de conseguir pintar um quadro. Ou escrever um poema. Ou compor uma canção.

Cláudia Come.

André Não quero comer! (*Chora.*) Quando é que finalmente isto... Quando é que finalmente chega o meu tempo?

José “Pergunto ao vento que passa / Notícias do meu país / O vento cala a desgraça / O vento nada me diz”.

4.

Pedro Estou nas ruas da amargura. Estou nas ruas da amargura. São as minhas ruas. Caminho amargo pelas ruas da amargura. O peso de todas as desgraças abate-se sobre mim. Miséria, desemprego, doença, dores de cabeça, abandono, tristeza, desesperança, só desgraças. Enfio-me no meu buraco, tinta a cair das paredes, e fico à espera que me batam à porta.

Patrícia Toque toque.

Pedro Voltaste?

Patrícia Voltei.

Pedro Vai-te embora.

Patrícia Casamos no final.

Pedro No final?

Patrícia No final, sim, quando isto acabar. Fica prometido.

Pedro (*aparte*) E eu resisto porque estou magoado com o mundo. (*Para Patrícia*) Não

Tiago

Quinta 18

na forma como dessacraliza a natureza providencial do sexo, ao dispensar a base sentimental ou a pulsão química, contornando a fecundidade das mulheres ou a pujança seminal dos homens. A isto chamo: a razão porno. Stop! Vamos ao que interessa.

secretário(a), patrão(oa)-empregado(a): -

Faça comigo o que nunca ninguém lhe deixou. Faça! Há quem aposte na redundância para aumentar o grau de excitação, não ficando satisfeito com a literalidade dos sons: - *Ahhhhhaahhh! É tão bom!* Há quem

Já alguma vez te aconteceu ires para a cama com um desconhecido sem trocar uma única palavra?

O jargão, as palavras e expressões: umas de ordem, outras estimulantes e provocatórias e outras declarantes de sentimentos em conversas antes, durante e depois de, daquilo, disso... - *Era o que faltava!*

Os conteúdos variam segundo os corpos em presença. Sem conseguir abarcar todas as modalidades, atrevo-me a catalogá-las, ilustrando com exemplos. Há quem se detenha a legendar os acontecimentos, descrevendo o que sente, em tom informativo: - *É bom, não é? Gostas, não gostas?* Ou há quem instale a selvajaria, complementando gestos e movimentos com sons reprodutivos: - *Arrrrggghhh! – Rrrrrraaauu! – Cavalga, garanhão!* Há quem opte pelo tratamento na 3ª pessoa, realizando a fantasia de se estar com alguém que se trata com deferimento. Esse registo remete para relações de poder, logo de subjugação ou de falso distanciamento, do tipo: chefe(a)-

Leonaldo de Almeida

Quarta 17

há final. Não há princípio.

Patrícia Esquece o passado. Temos de lutar pelo futuro. E sem a tua ajuda não há futuro. E se não houver futuro, acaba-se o passado. E acabando-se o passado não sei o que acontece ao futuro. Já para não falar do presente que nos foge sob os pés como a água de um rio. Fausto, ajuda-me. Fausto, ajuda-nos. Vem aí uma catástrofe.

Pedro (*aparte*) E eu resisto porque estou magoado com o mundo. (*Para Patrícia*) Estas a tremer, Rosinha.

Patrícia Não sou eu, é o chão por baixo dos meus pés. Sinto antes de todos. Sei bem o que aí vem mas ainda ninguém percebeu. Ajuda-me, Fausto. Só tu me entendes, só tu me podes acompanhar. Só tu nos podes salvar. Vem aí uma catástrofe.

José (*lendo Pasolin*) “Mas eu, com o coração consciente de quem só na história tem a vida, poderei eu agir de novo com pura paixão, se sei que a nossa história terminou?”

5.

Pedro Cena novecentos e trinta e três. Os heróis partem em viagem para salvar o mundo. As estradas estão vazias. Os montes olham de lado e vêem-nos passar em velocidade de cruzeiro. E nós olhamos com os montes e pensamos, Eis o princípio, foi assim que tudo começou, mas estamos enganados. Porque aqui não há princípio nem fim. Falta-nos a capacidade especulativa.

O começo e o fim são só um. Porque se alguém achar que se eu me calar agora é porque estou a acabar, isto só mostra que lhe falta capacidade especulativa

Cláudia Mas já acabou?

Pedro Não.

Cláudia Não?

Pedro Falta-te capacidade especulativa.

Cláudia Especulativa?

Pedro Não estamos a acabar agora. Nós acabámos quando começámos.

Cláudia Quando começámos...

Pedro É ambicioso, eu sei, mas temos de tentar.

Cláudia Tentar o quê?

Pedro Enquadrar, caralho.

Matinée
Domingo 14 / 17h00

6.

7.

têm equiparação com a vontade momentânea, mas nem sempre com os traços de personalidade na vida de todos os dias. Mas é aí que reside a graça, o indizível e a insondabilidade do acto sexual Dois exemplos seminais dessa especificidade:

1. Uma ilustração com a face de uma mulher a ser penetrada por caralhos no olho direito, na narina esquerda, na orelha direita e na boca, estando escritas as seguintes palavras no canto esquerdo da página: Try to Be More Accommodating (2). 2. Uma fotografia em que uma mulher está a olhar de frente vestida com uma t-shirt com as palavras Selfish in Bed (3) inscritas e ao fundo está um dos sete anões da Branca de Neve.

Porém, caro(a) leitor(a) é sabido que, por vezes, o que o acontece durante não corresponde, nem cumpre os antecedentes. É por isso que, nessas situações, acordamos sem incomodar, sem tomar banho, sem lavar os dentes, sem vestígios que obriguem a reencontros para a sua devolução e nos escapamos. Sem comentários.

- sindicato.biz
- (1) Dificuldades na captação devido a falha técnica, de origem desconhecida.
- (2) Sue Williams, Try to Be More Accommodating, 1991, (Fabrice Bousteau, Ed.), Sexes: Images – Pen-sées et Pratiques Aartistiques Contemporaines, “Be-aux arts Magazine”, Paris, 2004, p. 130.
- (3) Sarah Lucas, Selfish in Bed, 2000, Idem, p. 136.

Expander

Quinta 18

Rui Vargas & Rui Murka

Sexta 19

A conversar é que a gente se entende

Nelson Guerreiro aka Le Beau Sauvage

Que tipo de conversas ocorrem durante a cópula? Quando sucedem, porque não é universal, de que e como se fala nesse momento concêntrico, pois se se estiver lá, o mundo congela. Maravilhosa Suspensão. Se a implicação é total, há um fechamento temporário para o exterior - condição da intimidade que não desculpa distúrbios, apesar da sua ocorrência poder resultar em risadas cúmplices e em mais-valias que viabilizam futuros próximos. Sendo adepto de fodas dramáticas, ou seja dialogantes, deter-me-ei, por agora, no que se diz e os impactos das palavras durante, deixando para outra ocasião a focagem no que se diz antes e depois de, daquilo... - *Exacto!*

“(...) A – Sim... isso... isso... fode-me! Mas não te veeeehnas. B – Isso é que era bom. (...) (1) A – Nada de batota! B – Não é fácil! Tenho que me abstrair. A – Pois tens. Pensa na morte da bezerra. Melhor, pensa em coisas más. Mas não pá-res! Com mais força!

B – Não consigo. Adoro esta paisagem.

A – Aahhhaahh... que bom! Eu ajudo-te. Pensa nas reguadas que levaste quando eras pequeno.

B – Não levei... (*ouvem-se risos estridentes*).

A – Pensa que a vida é curta.

B – Não digas isso, senão...

A – Não te atrevas. Pensa nas pessoas que não gostas.

B – Pára!

A – Agora... nem penses!

B – Puta do caralho!

A – Já sabes que eu detesto que me chames isso.

B – Não era a ti, era à minha professora que me pôs de castigo por não afiar o lápis. Dizia que eu escrevia com um rabo de gato.

A – Ah bom! Não pares. É tão bom! Não me ouças! Não pares de pensar. Continua.

Está quase. Pensa nas baratas do restaurante. Pensa no que tens que fazer amanhã. Pensa...

B – Estou a pensar! É bom, não é?

A – Mais ou menos. Pensa. Vai resultar.

Yen Sung convida Cheeks

Sábado 13

dexter & Henriq

Sábado 13

Natal em família

Entrevistas impossíveis por
Joaquim António Rocha

E eis, caro leitor, que chegamos à época do ano que mais se adequa ao espírito destas entrevistas – o Natal. Tal como tudo aquilo que por aqui escrevo, no Natal tudo é falso. Deliciosamente falso: o Pai Natal não existe, o menino Jesus também não, e o São Nicolau é mais um santo que faz umas coisas que carecem de credibilidade – milagres.

Sempre era mais perto.

E é aqui, caro leitor, que esta entrevista se aproxima fatalmente de uma triste história de Natal muito pior do que as da Disney todas juntas. Chegado ao Toys'R'Us, e para grande espanto meu, quem lá estava não era o Pai Natal, mas o meu pai. Sim, leram bem – o meu pai! – na companhia de um veado de nariz vermelho e de duas

O Natal é a mais improvável das festas, uma celebração da não existência, uma mentira colectiva na qual (quase) todos gostamos de embarcar.

Não foi fácil, por isso, decidir qual dos três deveria entrevistar, e fui mesmo obrigado a uns momentos de reflexão: uma vez que eu não queria nada com santos, a escolha teria de ser feita entre o calaceiro do menino Jesus - sempre na palheta deitado

renas com ar de cabras.

– Mas o que estás tu aqui a fazer? – perguntei eu em estado de choque – a mãe sabe disto?

– A tua mãe só saberá disto, se fores tu a contar-lhe. Sim, porque eu não acredito

Como diz um amigo meu, o Natal é apenas um momento em que fingimos ser bons para podermos ser realmente maus durante o resto do ano. E a isto se chama a magia do Natal.

e estendido - e esse velho representante da classe operária que, uma vez por ano, se vê obrigado a visitar cerca de 378 milhões de crianças, em 31 horas de trabalho, tempo de duração de uma noite de Natal, dada à existência de diferentes fusos horários. Mas dado que esta entrevista também não é para meninos, acabei por optar por entrevistar o Pai Natal, e deixar o Jesus, deitado e estendido, na palheta com a vaca e com o burro. O melhor seria não mexer no presépio.

Foi assim que regresssei à infância e voltei a escrever ao Pai Natal, agora em versão electrónica, não para pedir brinquedos, mas uma entrevista. A resposta acabaria por chegar dias depois, também em versão electrónica, mas com encontro marcado na China, para onde se tinham mudado todas as fábricas de brinquedos da Lapónia. Mas que chatice! – pensei – Para a China?!!! Não estava nada a apetecer-me. Troca de e-mail para lá, troca de e-mail para cá, acabei por marcar encontro com o Pai Natal no Toys'R'Us de Alfragide.

que ela vá ao blog do Lux ler esta entrevista. O Magalhães que ela tem não vai tão longe...

– Mas pai... és capaz de me explicar o que se passa e qual a razão de estares aqui?

– Não querias entrevistar o Pai Natal? Pois aqui estou - respondeu-me meio irritado – Mas não percebo esse teu espanto. Já és suficientemente crescido para saber que o Pai Natal não existe. Somos nós, os pais, que nos vestimos de vermelho e fingimos ser o velho barbudo carregado de presentes. Não me digas que não conhecias a história? - E ria - Oh! Oh! Oh!

Eu não estava a acreditar neste filme. Só me faltava isto: ser enxovalhado em público e pelo meu próprio pai. Tinha de pôr um cobro a isto.

– Pai, tem cuidado com o que dizes porque estamos a ser lidos por milhares de pessoas, incluindo todos os meus amigos. E francamente, tu já não tens idade para isto. Já viste essa tua figurinha de speedo de lycra vermelha. Vou ter de ligar à mãe.

– Nem penses! Não faças isso. Se ligares à tua mãe vou ter de lhe dizer que aquela amiga que costumava levar a jantar lá a casa – e que ela gostaria muito de ter como nora – afinal se chama João. Pode ser que ela queira ir ver o show dele, no próximo fim-de-semana, ao Finalmente. A tua mãe é pessoa para gostar... ou disse ou de o ver no “lugar às novas”, essa espécie de “American Idols” para travestis em início de carreira. Esse teu amigo saiu-me cá um artista...

– Pai, por favor, não estamos em casa. Dá para seres um pouco mais discreto? – perguntei-lhe entre dentes.

– Que seca, pá! Em miúdo tinhas muito mais sentido de humor. Ainda me lembro dos natais em que imitavas a Judy Garland... Tinhas tanto jeito... e que bem que cantavas o “Somewhere Over The Rainbow”. Isto aos 8 anos! Sempre foste muito precoce...

– Mas isso passou-me com a idade – obstei com desagrado.

– Passou, passou... Passou da mãe para a filha. Lembro-me muito bem de ti, já por volta dos teus 12, com uma cadeira às costas a tentar imitar a Liza Minnelli no Cabaret. Mas tiveste mais fases: a fase Diana Ross, a fase Shirley Bassey, a fase Lola Flores... Isto até aos 15, porque aos 17 davas grandes shows a imitar as coreografias dos Modern Talking. Porém, agradeço-te nunca teres chegado à fase Boy George. Teria sido dramático.

– Bom... – disse eu em tom de ataque – se o Pai Natal não existe, como justificas que no ano passado a avó tenha recebido de presente um vibrador e o avô um tubo de K-Y, que ele usou para lubrificar os travões da cadeira de rodas? Olhando para ti assim vestido, deduzo que houve aqui dedinho teu...

– Filho... não entres por aí – disse-me com tom paternal – há coisas que um rapaz da tua idade já deveria saber.

E dando uso a um adjectivo muito na moda continuou:

– O Natal é a mais improvável das festas, uma celebração da não existência, uma mentira colectiva na qual (quase) todos gostamos de embarcar. Durante um período de tempo, que pode oscilar entre os dois e os cinco dias, somos falsamente simpáticos, prestáveis, generosos, e cultivamos falsos bons sentimentos. É certo que podemos ser falsamente simpáticos, prestáveis e generosos noutras alturas do ano. Mas talvez seja por isso que se diz que “Natal é todos os dias” ou que “Natal é quando um homem quiser”. Como diz um amigo meu, o Natal é apenas um momento em que fingimos ser bons para podermos ser realmente maus durante o resto do ano. E a isto se chama a magia do Natal. E agora deixa de fingir que és jornalista e anda daí beber uma jolas com as minhas amigas renas.

– Desculpa?!!... – respondi eu incrédulo.

– Ok, Ok... Podes ir com o meu amigo veado, se preferires...

E foi neste preciso momento que comecei a ouvir sininhos.

BROAS CASTELARES

- 400 G DE BATATA DOCE
- 500 G DE AÇÚCAR
- 0,5 DL DE MEL
- 50 G DE FARINHA DE TRIGO
- 225 G DE FARINHA DE MILHO
- 75 G DE AMÊNDOAS
- 2 OVOS
- RASPA DAS CASCAS DE MEIO LIMÃO E MEIA LARANJA
- 1 GEMA

Cozem-se as batatas, pelam-se e reduzem-se a puré. Pesam-se 300 g de puré de batata e juntam-se-lhe 250 g de açúcar. Leva-se ao lume a ferver durante alguns minutos. Retira-se do lume e deixa-se arrefecer. Pelam-se e ralam-se as amêndoas e juntam-se ao doce com o resto dos ingredientes, leva-se novamente ao lume até ferver, retira-se e deixa-se arrefecer completamente.

Tendem-se as broas de forma oval e achatada, pincela-se com a gema de ovo desfeita, colocam-se num tabuleiro untado e polvilhado e vão cozer em forno forte (250º), durante 10 a 15 minutos. Quando prontas retiram-se e com um pano seco limpam-se de restos de farinha para realçar o seu BRILHO.

LuxFrágil

Nº 03 / Dezembro 2008

Direcção: Manuel Reis

Sede: Av. Infante D. Henrique, Armazém A, Cais da Pedra a Sta. Apolónia, 1950 – 376 Lisboa
T. 218820890 F. 218820899

blog.luxfragil.com
luxfragil.com
lux@luxfragil.com

Textos de: Anamar, Hugo Gonçalves, João Tordo, Joaquim António Rocha, José António Moura, José Maria Vieira Mendes, Maria Antónia e António Neu, Nelson Guerreiro, Pedro Rodrigues, Quim Albergaria, Susana Pomba e Tiago Manaia.

Editados por: Pedro Fradique e Fernando Nunes.
Design gráfico: Diogo Potes – Alva Design Studio
Revisão: Marta Martins

Impressão: M2
Tiragem média: 7 000 ex.

Tiago
Sábado 27

Pinkboy
Sábado 27

Rui Vargas
Sábado 27

Ano Novo,
Vida Nova!
Quarta 31 / 00h30